

1898

Grênça & Letras

PUBLICAÇÃO MENSAL

4.^a SÉRIE

N.^o 6

DIRECTOR

P.^c Antonio Hermans

PREÇO: Quinquenta réis por anno

SUMMARIO

Os Letrados de F. Fontes — O Gado,
Bezerro d'Alentejo — O credito e o poeio
Os Açucendeiros d'Alentejo — Letras, Arts
etc.

REDAÇÃO
COLLEGIO DE S. DAMASO
QUIMARÃES

À IMPRENSA

Um dever de delicadeza, se já não fura de gratidão, nos obriga a enviar um cartão de agradecimento ás seguintes revistas que nos tem distinguido e pehorado com a sua visita:

•*Critica*• (lisbonense, de Eusebio Macario). Diz-nos criteriosamente da arte de Talma; passa balanco ás produções theatraes, sublinha unicamente os senões do palco e *critica* conscienciosamente os genios dramaticos; avessa a thuribulações incondicionaes, aponta vocações e desmascara enucos como entendida na materia.

•*A lagrima*• (barcellense). Tãmanina como uma gota de rocio, mas irisada como um raio do sol; ligeiramente travessa e polvilhada de invejavel humor, abre um sulco de alegria como *lagrima* alegre que é.

•*Educação nacional*• (portuense, de Figueirinhas). Versa assumptos pedagogicos, solta *alerta* quando periga a instrucção nacional; *educa*, orientando os professores, profligando os erros litterarios e estimulando ao estudo.

•*Amigo da Religião*• (bracarense). Largamente noticiosa visa revindicações da Religião e como *amigo* verdadeiro zela os seus interesses.

•*Encyclopedia catholica*• (lisbonense). Advoga questões ecclesiasticas e ventila doutrinas genuinamente orthodoxas; dirige-a o sr. Padre A. Guerra.

•*Perfume*•. Retalhos de prosa delicadamente feitos, pequenas poesias selectas, perfeitas illustrações, somma um todo de delicadeza *perfumada*, como de molde a passar pelas mãos gentis e espiritos borboleteantes das leitoras.

•*Sil Braz*•. Enfeixa artigos li-

terarios e criticos entrelaçados de poesias; a nitida impressão e o cuidado da collaboração conquistam-lhe o agrado do leitor.

•*Voz do Santo Antonio*• (bracarense, Collegio de S. Boaventura). Porta voz do culto antoniano e zeladora da Ordem Terceira, abraça largas e varias secções instructivas, piedosas, amenas e litterarias. Escúda a causa religiosa e vigia a cidadella da Igreja, amolda-se a todos os gostos. Insere estampas sobretudo uma interminavel galeria de imagens de Santo Antonio. Instrue e delicia: eis o seu programma e o seu elogio.

•*Bulletin Salesien*•. Campeão da sublime obra de D. Bosco; archiva os serviços das missões, fomenta a cooperacão salesiana que tem por lemma uma das secções mais sympathicas da caridade; o emparo dos desamparados. E' illustrado.

•*Ideal e Verdade*• (bracarense, Campos Lima). Alhum de curiosidades litterarias, ensaios poeticos onde se atropellam *novos*; sobressæm algumas pennas habéis que revelam aptidões. Ex-põem-se quinquilharias artisticas, algumas somenos, outras vistosas.

Para outro dia reservamos a nota dos semanarios e quinzenarios que nos distinguiram com a permuta.

BOLETIM DO COLLEGIO

Um hospede illustre

O ex.^{mo} conego dr. Fernandes Vaz, muito digno reitor do Liceu de Braga, visitou o Collegio de S. Damaso, no dia 17 do corrente.

Professores e alumnos receberam-n'o entre manifestações da mais viva alegria.

As principaes dependencias do

OS LAZARONES



MIL vezes tenho notado certos bandidos, que passam os dias, como se a vida fôra uma presa.

Bandidos lhes chamei, sem contudo avançar um exaggero.

Ha homens que sáem a uma estrada e roubam um relógio; estes roubam o tempo, defraudam seus semelhantes, espesinham a honra, conspurcam a dignidade e atolam-se na abjecção.

Para o individuo não ha péor autocracia que a da malandrice; para a sociedade não existe péor vampiro que o *Lazarone*.

E não se imagine que este é privativo das *piazas* de Napoles. Longe d'isso e ainda mal! O cosmopolitismo da vadiagem é um facto.

Enfermidade endemica, não tem fronteiras: peste do ar, não respeita cordões sanitarios.

Assoalha-se nas ruas, coberta de trapos; embioca-se na sombra, cingida de hypocrisia; espanija-se nos salões, roçagante de brocados.

Aqui, vadio d'esquina; acolá, vadio burguez; mais além, vadio de casaca! A qual d'estes se de-verá dar a palma?

Venha o diabo e escolha! . . .

A hydra da ociosidade, com sete boccas como a da fabula, vomita morbido pus de todas ellas. E comtudo, não fere de morte.

Compraz-se em vêr a sua victima descer todos os degraus da honradez até ao infimo; enrosca-se-lhe ao coração e comprime-lh'o tenazmente; corta-lhe todos os vãos da iniciativa e sepulta-a no marasmo enervante da indifferença; bebe-lhe todo o fluido da actividade e move-a depois a seu talante, como lhe apraz. Para a imbecillidade, para a ultima degradação, para toda a baixeza enfim.

Os filhos de tal progenitora são, por via de re-gra, uns cretinos, uns depravados, uns corruptos. Quando menos, uns inuteis.

E vão dizer-lhes que malbaratam uma coisa preciosa, qual é o tempo! Vão lançar-lhes em rosto a sua baixeza, que a todos alcunharão de importunos! . . .

*

Muitas vezes faço a mim mesmo esta pergunta: — O homem ocioso terá direito á vida? . . . Viverá elle porventura? . . . E uma só palavra responde a minha consciencia ás duas interrogações: — Não!

Vejamos. A Providencia divina creou o ser racional e deu-lhe encantos mil para gosar, até ao momento da sua prevaricação.

Depois, como justo castigo da primeira falta, bioplasma genético de todas as outras, disse-lhe: «Trabalha! Comerás o pão com o suor do teu rosto!»

De maneira que o trabalho é uma lei universal, cathégorica, sem distincção de raças ou de classes.

Cada um, dentro da propria escala, tem uma determinada missão a cumprir. O orador na tribuna, o sacerdote no templo, o mestre nas academias, o jornalista na imprensa, o artista na officina, o lavrador no campo, etc., etc.... — todos auxiliando-se mutuamente e cada um desempenhando-se do seu ministerio — eis o mandato que muitos esquecem, eis o dever que tantos postergam.

De maneira que os ociosos são os parasitas da sociedade, os ladrões do progresso.

Ora, todos sabem que os ladrões estão tóra da lei.

E viverá, na verdadeira accepção da palavra, aquelle que só se dá á occupação de comer, de beber, de dormir, de passear?!...

Não, malandragem, tu não vives! Vegetas... quando muito! E' a vegetação do espinheiro, ou antes da mancenilheira, que tem rescendencias venenosas. E' preciso fugir da tua sombra, como se foge da lepra! E's peor que uma excrescencia; és um abscesso!

Como?! Quando o mar se encrespa em lucta continua, revolvendo-se incessantemente contra as penedias da praia, não te convulsiona uma faisca electrica de vitalidade? não tens pejo d'esse sybaritismo degradante? não te sobe o sangue ás faces, perante a lição viva dos elementos?...

Como?! Quando as aves innocentes fendem os ares como settas ou fabricam o ninho no roble da encosta, não sentes em teu cerebro um incentivo para as santas lides do trabalho? não desejas sacudir para longe a grilheta da inercia? não ouves a voz de Seneca, dizendo-te que nasceste *ad majora*? ...

Quando os astros despejam sobre nós feixes de luz fulgente, não experimentas uma commoção para a lucta, agitando-te os nervos e centuplicando-te as forças? ...

Não vês como a terra se desentranha em flôres, como as plantas fructificam á compita, como tudo na natureza é força, é movimento, é vida? ...

E, no meio de tudo isto, o que é o ocioso? Um somnambulo imbecillisado, ou, mais que isso, um cataleptico. E a catalepsia é uma approximação da morte.

Corte-se pois o cancro ao principio.

Considere-se o mal pelas suas consequencias.

Nunca se apague a lembrança de que todos somos obreiros da civilisação. Por conseguinte, a todos cabe o dever de lançar um punhado de argamassa para esse grandioso monumento do progresso.

A fleugma, systematica e rotineira, em tudo e em todas as circumstancias, é fatal.

O domingo



UNCA será de mais insistir na sanctificação do domingo. Quantos motivos não aconselham tal insistencia!

O povo vergado, pela dura labuta de seis dias seguidos, necessita de repouso, no septimo, para refazer o cançado organismo e mais necessita ainda de alimentar o espirito faminto.

Urge que o homem levante mão do seu labor para, ao mesmo tempo que toma folego, alçar os olhos para o Infinito e ajoelhar aos pés de Deus, como filho piedoso.

Não esteja o rei da creação, feito á imagem de Deus, sempre sob o tagante: tenha um dia que consagre á sua alma, para rememoração de seus deveres e para expansão de sua fé.

Sim, guarde-se o domingo, mantenha-se com amor essa instituição sagrada, não sómente como armistício breve na batalha infinda do trabalho, mas sobretudo como fundamento basilar da moralisação do povo.

Que fecundo campo ahi se desdobra ao zelo do clero! Qucira elle aral-o como bom serviçal de Deus, e será vergada de fructos a seara!

Abra de par em par as portas da casa do Senhor: junte o rebanho em torno da Cruz: explique-lhe, como pae amoroso, o catecismo — a biblia do povo —; eduque, ensine, faça amar a religião.

Desça até ás necessidades espirituaes da multidão, lance a sua voz fremente contra os vicios de que anda gafada a grey, que Deus lhe confiou e projecte a bondade de seu coração e a luz de sua intelligencia sobre as desoladoras escurentesas do boçalismo geral. Em summa: faça do domingo o que elle deve ser: — *o dia do Senhor* —.

*

Cumpre que o clero torne valiosa a tregua do trabalho, feita cada *domingo* e canalise para a Divindade a alma do crente. Está no altar não para mimico d'um culto, a quem só a esportula commove, mas para ser órgão sonoro de sua Fé e exemplar fulgente da virtude.

Não se restrinja o padre, como mercenario frio e pharisaico, á letra da lei: incarne-lhe tambem o espirito vivificador.

Não é celebrando o augusto Sacrificio, ou dizendo machinalmente o terço, por vezes, com rudezas impias, que se cumpre lealmente e caridosamente a obrigação de espiritualisar um povo. Quem sopesar bem as responsabilidades que avergam o pastor d'almas, abysma-se em pasmo, ao contemplar o reprehensivel procedimento de tantos e tantos!

A *paranese* sentida e singela, que vá puindo as angulosidades d'aquelles espiritos sem luz; a *pratica* reflectida, que dê relêvo ás bellas lições do Evangelho; a *catechese*, bem nascida no calor fecundo d'um incançavel zelo illustrado, e, a levedar estes esforços, o fermento d'alguma d'essas *devoções* providenciaes, que se têm disseminado e enraizado fundamentalmente no paiz, é o minimo que um cura d'almas, conscio de sua missão espinhosa, deve fazer, se aspira a levar briosamente a cruz que Deus lhe distribuiu.

*

Se, ainda mal o padre se não multiplica em esforços para que o *Dies Domini* seja realmente do Senhor, a que ficará reduzida a sanctificação do domingo? A um ocio banal que o vicio logo virá tinar de negro; a um dia de folga, em que as paixões librarão vãos mais soltos, visto que as não embaraça a ferropêa do trabalho, como nos dias de lida.

Quem ignora ahi que hoje a taberna está fazendo ao templo uma concorrência ás vezes victoriosa? E quem desconhece o cortejo de desgraças, festeiras certas d'esses sancturios luciferinos? E não caberá ás sentinellas da casa de Deus uma quota parte na responsabilidade d'essas miserias, verminadoras das infelizes classes laboriosas? Eu creio que sim, porque os deveres dominicaes, adstrictos ao clero, não tem sido integralmente cumpridos.

Quantas vezes o sino, mudo, deixa de levar aos fieis, em suas ondas senoras, o convite para se congregarem á volta de seu pastor!

Quantas vezes as portas da igreja se fecham depressa fazendo-se o ermo, a solidão, no dia e no lugar em que devêra ouvir-se o murmurio da prece!

Quantas vezes o padre deserta do seu posto, para sociar nas folias que devia fulminar com o latigo d'uma viva reprovação!

E então havemos de admirar-nos de que o povo, desamparado, siga em romaria para os desvarios das cantinas e troque as orações consoladoras do Christianismo pelas girias avinhadas do bordel?

Oh! Não; a culpa não é tanto do povo como de que se esquiva a ministrar-lhe o viatico da educação religiosa.

Bruno d' Almeida.



O orador e o polemista



DA phalange divinamente unvida que jurou bandeira no altar da Justiça, quebrando lanças pela cruz e d'atalaia á arca santa da Egreja avultam dous atletas, abroquelados d'arnezes differentes, empunhando armas distinctas mas com os olhos fitos na mesma estrella, orientando-os o mesmo ideal, são: o orador e o polemista. Aquelle alistou-se na legião da eloquencia, este no torneio da apologetica. Este tem o dominio das intelligencias, aquelle o dos corações. Uma esculptura crentes, como Phidias sinzelava estatuas, outro insufla-lhes a chama da caridade como Prometheu inflamava marmores com o fogo do céo.

Ambos mancommunando-se trabalham na formação da alma christã, vencendo um, convencendo outro.

O orador abrazado pelas linguas de fogo da inspiração divina passa como um cometa deixando uma esteira luminosa de boas acções, que são a estrada de rosas da gloria.

As suas palavras, como oráculos, ora jorram em catadupas da sua bôca, estalando sobre as almas com o estampido do trovão afugentando as paixões para as cavernas mais profundas do peito, fustigadas e oppressas; ora fulminam como raios, lascando vicios, fundindo tibiezas, ruindo castellos fagueiros de gosos faceis; ora ciciam como a aragem, refrescando-nos o espirito, banhando-nos todo o ser numa doçura indefenida que é como que o antegosto das delicias paradisiacas.

A osculos de amor descerra-nos as petalas do coração para sobre esse calix derramar a flux o rócio divino dos conselhos.

Desprende a intelligencia das ferropças da duvida, veste-lhe de auroras a alma, altêa-lhe a fronte pendida de desanimo e aponta-lhe com os dedos roseos como d'uma fada, o céu que a fé povôa de esperanças.

O orador tem centelhas de genio e toques de semi-deus; as suas palavras illuminam, aquecem e abrasam; as ideias saltam em borbulhões como a lava candente d'uma cratera. Todos os corações esposados em misticas delicias vibram unisonos numa harmonia sublime, todos os espiritos se agitam em fremitos d'enthusiasmo como uma floresta vergastada do vento sul.

Suspende um auditorio immenso dos seus labios, magnetisa-o com seus olhares, transfunde a sua alma na alma dos ouvintes, atêa com a sua inspiração o sangue d'elles, fazendo-os viver da sua vida ou antes da sua paixão como o doente se alimenta da febre que o devora.

Então o orador toma proporções ultra-humanas, cinge-lhe a cabeça uma aureola de beatitude, as fôrmas esbatem-se num indeciso de visão e elle transfigurado pela inspiração parece subir ao céu como Elias num carro de fogo.

E os ouvintes penetrados d'esse fluido emocionante que lava o coração dos baixos instinctos, sente energias desconhecidas, sensações estranhas como se a cornucopia das graças divinas se lhe vasasse no coração.

Dir-se-iam purificadas todas as almas por um celeste baptismo de fogo.

O orador pôde ser anjo ou demonio, segundo é uma chama d'amor ou odio a que lhe envolve a alma.

O polemista, esse é o porta-bandeira da Verdade, trata as ideias como guerreiros e não como damas, vestidas de ferro e não revestidas de sedas. A penna manejada por um pulso masculino não desliza sobre o papel como nau velejando em mar de leite, tem fremitos rispídos e scintillações metalicas. O florear d'uma penna tem contactos com o esgrimir d'um florete, o estalejar d'um látigo e o sibilar d'uma setta. Alvejando gigantes do mal o polemista tem artes de fundibulario e estrategia de militar. Nas suas palavras vae o amargo da triaga, mas nunca o corrosivo do veneno. Seu estilo tem agudezas de estilete que esvurma pús e não de ferro hervado que embebe a morte. Engatilha a ironia e desfecha a satira quando o grotesco desafia o riso; porque ha contendores que só se pôdem levar a rir.

A viviseccão dos vícios devem fazer-se a escalpelo; a philautia do erro deve amolgar-se a clava; as reptações á ignorancia e má-fé devem ser altivas sem ser petulantes, incisivas sem ser mordazes, vigorosas sem ser virulentas.

Instilla no papel a nobre indignação que as baixas indignidades e villanias insidiosas lhe suggerem, com o que nada tem a vaidade irritada, o rancoroso despeito.

Salta-lhe da penna aversão aos principios e cõa-se-lhe da alma compaixão aos homens.

Ha desforços sagrados que se impõem acima da melliflua prudencia, ás vezes convisinha da cobardia e consanguinea da pusillanimidade.

Christo deu-nos uma expressiva lição, ao despedir do templo os vendilhões a golpes de látigo e jámais periclitou a sua angelica mansidão. A prosa, quer-se vehemente e sonóra, que desperte nos ouvidos rebeldes o echo da consciencia, e a phrase quer-se incisiva sem ser acerada, que desinche certos odres inflados d'orgulho e amor-proprio.

O polemista deve ter o valor epico d'um soldado e a serenidade evangelica d'um santo.

A's vezes, escreve com tal violencia que direis escrever com o proprio sangue, como se disse do Licurgo, e julgar-lhe-eis os escriptos antes uma secreção biliosa que uma desafronta intelligente. Puro engano! Logo apertar-vos-á a mão e supplicará por vós na primeira prece que lhe saír do peito.

Um pontifice computou a penna d'um polemista em cem mil homens. Um exercito por uma

penna! Parece lendario? pois foi ainda hontem; o papa chamava-se Pio IX e o gladiador Veillot.

E' fatal o seu influxo, pôde salvar ou perder segundo colhe a penna das azas candidas da pomba que é symbolo do Espirito Santo ou a arranca das azas negras do dragão infernal que representa o Espirito malefico.

S. Damaso, 12 de junho.

Agostinho d' Azevedo.



Letras

Amores d'um marinheiro, por Candido de Figueiredo. Narrativa da aventureira vida de Pero d'Alanquer, abriado ensêjo para seguir o roteiro de Vasco da Gama, delicitando-nos a phantasia e prendendo-nos a attenção. A linguagem colhida em documentos coevos tem um salor antigo, rânido mas coerente com a acção descripta. Dos dialogos bem lançados resultam vividos os caracteres como da superficie d'um espelho. Sabe fazer-nos viver das suas paginas; emmaranhamo-nos nas intrigas amorosas, chega-nos ao ouvido o martellar nos estaleiros; distinguimos nas meias tintas do sonho, o sarpar das naus no Rastêllo; abicamos a Santiago, despedimo-nos de Bartolomeu Dias, fazemos aguada e aventuramos correrias na Ilha dos Amores; enfuta-se-nos a alma com a rebeldia do cabo, engala-se-nos o aspecto com a celeuma alegre a bordo; além confrange-se-nos o coração com a tração dos pilôtos, para se nos dilatar com a intrepidez do capitão; refazêmo-nos em Melinde, e vemos saltar á prôa como uma evocação magica, «a terra de Calecut»; rejubilamos dos seus jubilos, enternecemos-nos das suas tristezas. E' assim que concebemos o romance historico, traçado por um puritano em estilo e erudito em sciência.

O premio que mereceu do *Diario de Noticias* é a mais segura carta de recommendação para a curiosidade do leitor.

Viagem á India, por Fernandes Costa. Poemeto-hymno. Dedilha com singular delicadeza a sua lyra d'ouro, de que tira notas festivas, capazes de afugentar os maus azares de Portugal como a de David amansava as coleras de Saúl.

Vasa a sua quente inspiração em quadras d'um tal mimbo que appetee decora-las para que eternamente nos vibrem suas deliciosas melopeias.

Divide-o em duas partes; a primeira vela-a num delicioso mysterio para na segunda no-la rasgar numa aleluia de canticos, encerrando-a com grito, cheio de vida, adequado a resuscitar lazarus, e cheio de esperanza por uma nova esalade d'ouro que nos dê em felicidade o que desperniçamos da gloria da outra.

E' um *salve!* entusiastico ao passado glorioso e um *surge!* vehementemente ao futuro tetrico.

Primogenito dos mortos, por Santos Lourenço. Dissertação inaugural d'um orador, seminarista de Santarem. A these a defender é o milagre da Resurreição, a conclusão a tirar, a resurreição final de todos. Desfaz um a um os sophismas dos adversarios, e com uma destra argumentação para-lhes os botes que recobrem, cuspidos da solidez da sua doutrina. Trasborda em todo o discurso a pujança da sua crença e a cultura do seu espirito. Linguagem pura, louça sem furta-côres de rhetorica, mas que accusa largo estudo de classicos a que preside um bom-gosto d'artista. Somma tudo: uma aptidão que despoita; mandemo-la.

Através dos mares, por O. Mascarenhas e A. Monteiro. Recordações das Indias, visitada pelos dous officiaes durante a sublevação dos *rane-maharatas*. Aponta notas soltas da viagem a Pangim; traslada as impressões pessoais sobre a vida a bordo, e panoramas ao alcance dos olhos; solta doloridos queixumes da nossa incuria colonial em completo contraste com o movimento commercial e industrial dos inglezes; admira as riquezas architectonicas de Bombaim; allude aos serviços do infante D. Alfonso e ao tino administrativo no meneio dos negocios publicos do commissario Neves Ferreira.

Mas todo o valor e interesse que suscita, provém da exposição pormenorizada das castas, seitas, costumes, fauna, flora e legislação hindustanicas.

A'parte levas senões de linguagem, é um livro util para o estudo da questão colonial.

Cartas sobre epigraphia romana, por Albano Bellino. Apresenta, zincographadas, varias inscripções, que o seu cuidado de esmerilhador conseguem haver á mão; interpreta-as conscienciosamente, deixando ainda em parte deliquie para amadores. E' um novo que vasculha velharias e que se affirmou archeologo distincto numa estr'a que é bem um trabalho acabado «Inscripções e Letreiros». São estes os quebra-cabeças dos eruditos, que conseguem arrancar segredos historicos d'uns toscos hieroglyphos: trabalho glorioso, talvez, mas que é o braço direito da historia.

Ensis gloriosus, pelo P.^e Patricio. Oração congratulatoria em acção de graças pela victoria de Chaimite, perante Mousinho.

Exprime as enthusasticas aclamações do povo portuense, traça toda a trajectoria de luz que sua espada descreveu através de Moçambique, relembra apoteoses esquecidas, vê lucilar'no Oriente a estrella da redempção para a patria que jaz moribunda, entoa um cântico de louvores aos expedicionarios e protesta graças ao Altissimo; fecha numa ardente supplica pelo futuro.

Do valor oratorio do discurso disse-o bem alto e que baste a imprensa local: P.^e Patricio é um orador que o publico sagrou ha muito.

Bosquejo sobre os caminhos de ferro, por Pereira Caldas. Abrange vinte e quatro paragraphs em que o distincto erudito nos desfia a successão chronologica dos aperfeiçoamentos ferro-viarios desde Fulton

até hoje. Synthetiza cada uma das transformações do progresso na locomotiva, até à sua instalação em Portugal. Revela trabalho e suggerer interesse, como um dos mais valiosos thesouros que este seculo lega aos vindouros.

Historia tragicu-maritima (excerpto colligido por Hyginio de Mendonça). Relação summaria de tres naufragios (galeão S. João e naus S. Bento e Conceição); narrações emocionantes d'uma simplicidade sentida, recolhidas de tradições oraes e penetradas d'uma saudade desoladora. Amostra d'essa tocante elegia em prosa que é o reverso da medalha epica dos *Lusiadas*. São as actas que archivam os ultimos *ois*, sagrados para a patria, d'esses que foram as victimas immoladas á vingança do Adamastor e á desforra traidora do mar a que arrancaramos todos os mysterios e afiguraramos todos os terrores. São as memorias lugubres d'essa vasta necropole maritima e a chronica palpitante de dôr, das peregrinações pelo serão semeado de cadaveres. As lagrimas affuem aos olhos ao ler esse sinistro necrologio em que vibra de desespero tola a velha alma portugueza (to aventureira e melancolica...

Terras d'Hispanha, por Alfredo de Mesquita. Não é um guaidicione, nem tamponco um livro de viagens a impar d'erudição, ensadinho e pesado, são as cartas d'um *touriste* bem humorado que vae a Madrid para surprehender na sua physionomia a alma nacional tortemente abalada pelos desastres de Cuba e morte de Canovas.

Acha sem-sabor o gosto de Philippe II quando fez de Madrid a cabeça do reino; resume a vida madrilena na Porta de Sol onde ao lusofusco cruzam tresnoitados; passa em revista a imprensa local; implica com a descripção do barbeiro, aponta *instantaneous* em que pde em relevo uma perspicaz observação de physionomista, eleva á altura de instituições nacionaes o chocolate e os toiros; admira a habilidosa cortesia das caixeiras e julga ensurdecer com o bulício atroador das ruas, recorta da historia um trecho vehemente em que palpita a genuina indole do povo — uma serenidade olympica conjugada com uma fiquidade peninsular. Pasma das maravilhas architectonicas de Toledo; visita, ao bom grado do cocheiro, os principaes monumentos e sem grandes arreoubos d'admiração percorre o Escorial — uma mole de granito inexpressiva e d'uma firmeza britannica; traça com uma pureza delicada, os perfis physicos e moraes das hespanholas; ala-se ao sétimo-céu do extasis artistico deante das telas de Velasquez no Museu do Prado e despede-se com saudaes.

O estilo d'uma fluencia elegante e jovial presta-se ao seu espirito de *dilettante*.

S. Damaso.

Antunes.



edifício estavam adornadas de bandeiras, festões e plantas.

Com o illustre hospede, veio o cego Manuel Bernardino da Conceição, para dar aos collegiaes um concerto. E' de admirar o talento musical do sympatico artista. Executa com incrível agili- dade e com incontestavel bom gosto. Os estudantes estavam en- cantados e era de ouvir-os, ao termo de cada musica, gritar *bis! bis!* No fim, uma subscrição provou a generosidade dos col- legiaes e deu uma alegria bem merecida ao eximio musico.

Seguiu-se o jantar e n'elle, é claro, a alegria de todos culmi- nou. Ao vinho fino houve troca de brindes calorosos, acolhidos com tempestades de saudações.

Ao café, de novo se fez ouvir o habil concertista, com novos mimos do seu repertorio.

Chegada a hora da despedida, professores e collegiaes quizeram acompanhar até á cidade o ex.^{mo} Rector do Lyceu. A separação os vitzas revibraram numerosos.

Foi, na verdade, um bello dia este. Ficera d'elle, na memoria de todos, uma lembrança gratissima.

H.

VARIAS NOTICIAS

Festas grandes. — Principiam depois do dia 20 de julho.

Exames de classe. — Os alu- mnos que seguem o *actual regi- men* terão exame, no Collegio. Estes exames principiarão no dia 11 de julho, para as tres classes.

Em Braga. — E' na *rua das Aguas n.º 120* a casa que o Col- legio alugou para a temporada d'exames.

Sessão litteraria e concurso de Gymnastica. — Por falta de espaço não damos hoje noticia

d'estas interessantes festas es- colares. No proximo numero di- remos.

H.

Passio annual do Collegio de S. Damaso

Este collegio vimezanense foi em viagem de recreio ao Bom Jesus no dia de Santo Antonio.

O dia vestiu-se de rosas, ba- nhado de sol.

A's cinco e meia da manhã annunciado por uma salva de fo- guetes e seguido d'uma banda de musica entrava na cidade todo o corpo docente e discente com as duas ricas bandeiras bordadas n'ouro.

Os alumnos ostentavam como insignia, laços de seda azul ver- des, cores do Collegio e Asso- ciação annexa.

Pouco depois tomaram logar nos carros embandeirados que na haviam de conduzir á capital do Minho.

Encorporaram-se varias fami- lias e cavalleiros; especializara- mos os ex.^{mos} snrs commendador Bento Bravo, dr. Abilio M. Carvalho, Fortunato Bastos, J. D. Pacheco de Freitas, Eduardo Al- meida e A. S. Marques.

Ao bota fóra assistiu bastante povo. Rodaram os carros e tremularam as bandeiras, e eis nos a caminho das Taipas.

Bella, d'uma accentuada e pittoresca belleza minhoto, esta faixa de estrada, debruada de ce- rejeiras, afestoadas de pampanos. Os curiosos, todos olhos arregalados de pasmo, emergindo d'en- tre tufos de verdura ou assoman- do aos postigos das casas davam ao de-filar dos carros ares de cortejo triumphal.

Nas Taipas apeou-se, visi- tou-se um estabelecimento bal- near e acampou-se num largo

sombreado onde, enquanto estalavam os foguetes e tocava a musica, foi servido um appetitoso e appetecido almoço.

Aqui juntaram-se ao collegio, o rev. Padre Domingos de Faria, e os ex.^{mos} snrs. Christovão Lencastre e dr. Antonio Lencastre, filhos do fallecido conde de Ailen-tem.

Reatou-se a viagem interrompida e ás 11 horas atravessava-se Braga que, por instantes levantou mão da sua libuta activa e industrial para ver e admirar o prestito festivo; seguiu-se até junto do escriptorio do Bom Jesus.

Visitaram-se as capellas e gozaram-se as perspectivas de cada patamar.

Uma vez na esplanada da igreja, acolhimo-nos a um largo mimoso de vistas e benigno de sombras, onde nos refizemos da cinza que nos afoqueava.

Após leve descanço embrenhamo-nos pela espessura do bosque, enquanto alguns barqueavam no lago, percutiremo-todo aquella paraiso de luxuriantes vegetações e verdes leucantias.

Quando o estomago com o seu eterno horror ao vacuo pediu reforço, tocava a jantar.

Foi este ao ar livre, em mesas improvisadas com certo ar de romaria.

Após elle, a alegria proverbial da juventude, entrou em effervescencia e fez explosão num tiroto de aclamações a qual mais fervida, trocadas entre os collegiães e alguns alumnos do Lyceu, presentes.

Assistiu ao jantar entre varios convidados o ex.^{mo} dr. Vaz reitor do Lyceu e distinguim-se pelos seus serviços e captivante sympathia o rev. Raimundo, capellão do Bom Jesus.

Ao vinho fino, o rev. Firmino em nome do Collegio saudou e abraçou o snr. Cônego Vaz no meio de entusiastica ovacão.

Levantou-se então o ex.^{mo} Rector do Lyceu, dizendo-se pehorado pelo convite, commovido pela saudação, impotente para exprimir a alegria que o inundava, felicitou os educadores de S. Dámaso altamente pregoados, confessou a sua sympathia pela mocidade academica que era a sua paixão, os seus amores e cuja liberdade respeitava como coisa sagrada, retribuiu o abraço ao rev. Firmino, tornando-o extensivo a todos os academicos e professores a quem levantou um viva! que foi recebido e correspondido delirantemente.

Em seguida photographaram-se os alumnos e professores em grupo tirado pelo ex.^{mo} snr. Guedes d'Oliveira, proprietario da famosa Photographia Guedes, do Porto.

Visitou-se o templo e desceu-se a cidade que os alumnos em numero de 170 atravessaram a dous de fundo entre ruidosas saudações dos bracarenses.

Ao lusco-fusco tomaram-se os carros em S. João da Ponte, entrando em Guimarães alta noite.

De novo estalaram os applausos pela cidade, attingido-se a Costa ao car. da meia-noite.

Comeu a Viagem sem o menor contra tempo que a aguisse, graças aos cuidados do rev. Affonso que fez prodigios de actividade.

A elle os meus emboras e ao Bom Jesus as nossas saudações.

A.